

Paulo, Heloísa (2024). *Os Exilados de Salazar*. Lisboa: Âncora Editora, 384 p., ISBN: 978-972-78-0954-7

O livro em apreço, intitulado *Os Exilados de Salazar*, insere-se na já ampla historiografia portuguesa produzida sobre o exílio da oposição durante o longo período do autodenominado Estado Novo. Além de uma introdução e de uma conclusão, a obra encontra-se dividida em cinco capítulos, nos quais a autora explora as várias dinâmicas, sociabilidades e conflitos que marcaram o exílio português durante o governo de Salazar, entre os inícios da década de 1930 e os finais da década de 1960. Heloísa Paulo é doutorada pela Universidade de Coimbra e uma das responsáveis pela criação do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20). É colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), da Universidade do Porto, e conta com uma numerosa produção bibliográfica sobre o salazarismo, a oposição e o exílio.

A obra, que constitui «um tributo aos que lutaram» (p. 17), inicia-se com uma breve nota explicativa, onde a autora apresenta as motivações e o contexto que levaram ao produto final, assim como os agradecimentos que sempre subjazem em publicações desta natureza. Na introdução, Heloísa Paulo traça uma pequena contextualização, elucidando o leitor sobre o panorama político de Portugal durante o salazarismo, caracterizado como «um verdadeiro “período das trevas”» (p. 19), além de esclarecer sobre os arquivos e as fontes, «cartas, panfletos, livros, diários pessoais, periódicos, imagens, manifestos, registos e processos criminais e entrevistas» (p. 26), que serviram de base à sua investigação e os objetivos que nortearam a feitura do livro, que a autora entende ser um ponto de partida para novas análises do fenómeno do exílio. No primeiro capítulo, *Exilados e emigrantes: exílio, sobrevivência e luta política*, são abordados quatro pontos essenciais que devem ser tidos em linha de conta quando se analisa a temática do exílio: conceitos,

destinos, sobrevivência e vigilância. No segundo capítulo, *O outro lado de uma colônia, republicanismo e tradição democrática*, a autora recua até aos finais do século XIX para caracterizar os exilados que se encontravam no Brasil nos primeiros anos do salazarismo, com destaque para os republicanos que deixaram Portugal após a revolta de janeiro de 1891 e os republicanos que se exilaram na sequência do revirralho durante a Ditadura Militar.

O terceiro capítulo, *Da esperança de 1945 ao impacto da Guerra Fria*, aborda a presença dos exilados portugueses no Brasil nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, numa altura em que havia a esperança de que a derrota dos países do Eixo pudesse precipitar a queda do salazarismo. Heloísa Paulo demonstra-nos que o enfraquecimento do caráter ditatorial do regime de Vargas favoreceu a oposição portuguesa exilada, que também beneficiou do apoio político e do auxílio económico dos opositores brasileiros. Por outro lado, este período ficou também marcado por uma maior disputa pela representatividade no seio da oposição exilada no Brasil, um campo onde os comunistas vinham a ganhar destaque. O quarto capítulo, *Os anos cinquenta e sessenta: o reordenamento das prioridades: eleições, colonialismo, apoios e associações*, permite conhecer de forma mais detalhada uma dimensão transversal a todos os momentos de exílio, a divisão entre os exilados. Neste momento, o debate anticolonialista entre os antissalazaristas constituía um importante fator de discórdia, assim como as muitas divergências políticas existentes no seio dos vários comités e das várias associações criados no exílio, o que dificultava alcançar a união necessária para tornar a luta contra o salazarismo mais eficaz. Heloísa Paulo aborda também as várias redes de apoios de que os exilados gozavam no Brasil, destacando partidos políticos, sindicatos e jornalistas e escritores, o que facilitava a publicação de artigos de teor antissalazarista em revistas e jornais brasileiros de grande circulação.

O quinto e último capítulo, *À procura da unidade: Delgado, Galvão e a oposição brasileira no quadro da reorganização internacional da oposição*, explora, precisamente, a busca pela unidade entre os exilados entre os finais da década de 1950 e os inícios do decénio seguinte, motivada pela chegada ao Brasil de duas importantes figuras da oposição a Salazar: Humberto Delgado e Henrique Galvão. No entanto, como nos conta Heloísa Paulo, estas presenças no território brasileiro apenas serviram para incrementar as cisões já existentes entre os exilados, dificultando a eficácia do planeamento e da concretização de revoltas contra o regime salazarista. A autora demonstra que o exílio destas personalidades, em especial de Delgado, esteve na origem na criação de vários organismos de apoio, onde também se espelharam os muitos conflitos que então grassavam. Além das lutas internas, que dificultavam uma ação concertada contra o salazarismo, os exilados passaram a enfrentar, a partir da segunda metade dos anos

1960, uma maior oposição e repressão no Brasil, fruto da radicalização da ditadura militar.

Na conclusão, que intitula *À guisa de conclusão. A difícil tarefa da oposição exilada: combater o fascismo e manter as regras democráticas*, Heloísa Paulo retoma alguns dos debates que marcaram este estudo, nomeadamente uma comparação entre exilado e emigrante, no que toca às diferenças e às semelhanças, ambos «portadores de uma mesma “identidade nacional”» (p. 316). Da mesma forma, a autora recupera a questão do nacionalismo republicano, já abordada no segundo capítulo, refletindo sobre a partilha de ideias entre este e o salazarismo, de que é exemplo a defesa das colónias. No final, Heloísa Paulo presenteia-nos com a apresentação de mais de cem biografias, mais ou menos extensas, que permitem conhecer com algum pormenor muitos dos protagonistas do exílio antissalazarista no Brasil.

O livro que aqui tratamos constitui um interessante contributo para estudar o exílio antissalazarista ao longo de cerca de quatro décadas. Detetámos, no entanto, pequenos lapsos, que em nada comprometem a importância da obra no panorama dos estudos sobre o exílio português do século XX. Verifica-se, por exemplo, quando aborda as redes de apoios aos exilados, referindo num dos subtítulos do quarto capítulo o auxílio dos estudantes brasileiros, questão que depois não desenvolve. No primeiro contacto que tivemos com o livro, o título levou-nos a considerar que se tratava de uma obra que abarcava o exílio antissalazarista nas suas várias geografias, ficando-se, no entanto, pelo Brasil. Neste sentido, não seria mais explícito intitular a obra de *Os exilados de Salazar no Brasil*? Uma sugestão de investigação futura que poderá servir de complemento ao estudo aqui apresentado: explorar a dimensão feminina do exílio, já que o livro aborda, sobretudo, a vertente masculina. No essencial, a obra de Heloísa Paulo, que resgata percursos individuais e histórias coletivas, permite conhecer, nas suas várias facetas, as vivências no exílio de muitos antissalazaristas que se viram obrigados a deixar Portugal com destino ao Brasil. Uma experiência marcada por algumas conquistas, mas também por vários dissabores, em que, não obstante o alargamento das redes de contactos, as divergências político-ideológicas entre os exilados sobressaíram e impediram a união em torno de uma causa comum, a luta contra o salazarismo.

FÁBIO ALEXANDRE FÁRIA

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, CIES – Iscte

Fabio\_Faria@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3803-0374>

